

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ORALIDADES: A CONSTRUÇÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA PELOS RELATOS DAS(OS) EDUCADORAS(ES)

Aramis Cortes de Araujo Junior¹

Eduardo Fausto Kuster Cid²

Sabrine Lino Pinto³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar a história de construção do Caparaó capixaba a partir das oralidades expostas por autoras(es) que estiveram à frente de todo este processo iniciado há mais de trinta anos. O ponto de convergência para isso foi a mobilização em prol da abertura de uma portaria do lado do estado do Espírito Santo que desse acesso ao Pico da Bandeira, exclusivo, até então, pelo lado mineiro. Utilizamos como metodologia a história oral para a realização das entrevistas com as(os) selecionadas(os), juntamente com pesquisas em fontes documentais, trabalhos acadêmicos e reportagens. Concluímos com a importância desse processo e as suas repercussões até os dias atuais.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Território; Caparaó Capixaba; História oral.

Abstract: This article aims to present the history of the construction of Caparaó Espírito Santo (Brazil) based on the oralities presented by authors who were at the forefront of this entire process that began more than thirty years ago. The point of convergence for this was the mobilization in favor of opening a gate on the Espírito Santo side that would give access to Pico da Bandeira, exclusive, until then, on the Minas Gerais side. We used oral history as a methodology to conduct interviews with those selected, together with research into documentary sources, academic works and reports. We conclude with the importance of this process and its repercussions to this day.

Keywords: Environmental Education; Territory; Caparaó; Oral history.

¹Instituto Federal do Espírito Santo campus de Alegre. E-mail: aramiscortes@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8921763377930836>

² Instituto Federal do Espírito Santo campus Vitória. E-mail: eduardok@ifes.edu.br.

para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9382843051430822>

³ Instituto Federal do Espírito Santo campus Vitória. E-mail: sabrine@ifes.edu.br.

para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6683400295936890>

Link

Link

Introdução

A Educação Ambiental (EA) apresenta-se como fundamental arcabouço teórico-metodológico crítico a fim de permitir a construção de visões de mundo imbuídas de relações evoluídas entre a sociedade e a natureza, haja vista a indivisibilidade entre ambas as partes. Revelando um outro olhar ético e ontológico sobre o planeta Terra, buscamos sair das observações estritamente físico-biológicas e nos ater às novas identidades e sensibilizações em oposição ao padrão hierarquicamente estabelecido de dominação da natureza.

Com base nos resultados de uma pesquisa realizada sobre aquelas(es) que definimos como “autores(as) do Caparaó”⁴, entrevistamos essas(es) educadoras(es) ambientais a fim de resgatar o processo de constituição do território que apresenta particularidades somente entendidas com base nas oralidades daquelas(es) que construíram esse local. Para além das bases físico-geomorfológicas, o Caparaó capixaba apresentou e apresenta identidades e pertencimentos processualmente produzidos com base na EA, com a natureza sendo o pano de fundo e o envoltório essencial para esse movimento.

Partindo de uma manifestação pela vontade de difundir o lado “de cá” do Parque Nacional (Parna) do Caparaó, iniciou-se algo inimaginável, aos olhos das(os) entrevistadas(os), com debates e discussões coletivos que apresentaram a riqueza de convivência entre autores(as) distintos em suas origens e ideologias.

Ao final deste processo, criou-se uma coesão entre estes mesmos envolvidos, estabelecendo uma profunda unidade sobre e pelo Parna Caparaó, criando as condições necessárias a partir do potencial ecossistêmico e serviços ambientais desta Unidade de Conservação e o entendimento da importância social e econômica desta biorregião que os cercava (Nascimento, 2008).

A importância das(os) educadoras(es) ambientais neste processo foi justamente estimular moradores, frequentadores e o poder público para as possibilidades existentes em criar um modelo de movimento socioambiental capaz de produzir alternativas ao crescimento desordenado contra a natureza, observado massivamente em outras áreas com Unidades de Conservação presentes.

Ao iniciar o movimento com um diagnóstico da futura microrregião do Caparaó capixaba, oportunizaram ao território vertentes para um desenvolvimento socioambiental e ecológico que buscou horizontalidades entre todas(os) que ocupavam este lugar, incluindo todos os seres ali presentes.

Devemos frisar que este processo se iniciou naquilo que Carvalho (2004, p. 16) coloca como uma dinâmica de forças sociais entrelaçadas, cada qual puxando para um lado, buscando atender a interesses individuais. À EA coube o papel de apaziguar as diversas forças e projetos que estavam em disputa, indicando qual seria a direção a ser tomada, a fim de construir um território que

⁴ O educador ambiental Marcos Sattler, mais conhecido como “Tuim”, me apresentou essa expressão e a definiu afirmando que aqueles(as) que iniciaram esse movimento da Educação Ambiental do/no Caparaó são autores, pois escreveram essa história, e não apenas atuaram em um enredo escrito por outrem.

englobasse todo esse conjunto diversificado de vontades e identidades. Este coletivo de educadoras(es) reivindicava, nesse movimento, a “inclusão da questão ambiental, enquanto aspiração legítima, sócio historicamente situada, que sinaliza para o reconhecimento da importância de uma Educação Ambiental na formação dos sujeitos contemporâneos” (Carvalho, 2004, p. 17).

O coletivo de educadoras(es) ambientais visava construir uma EA crítica ao modelo predatório, nos idos da década de 1990, com sujeitos emancipados e que pudessem, dali em diante, construir suas histórias e resgatar seu passado para que o Caparaó capixaba fosse alçado e os conflitos superados, favorecendo “uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um sujeito ecológico” (Carvalho, 2004, p. 18).

Vislumbrava-se a recusa de uma EA individualista, na qual cada um em seu espaço de vida, ao fazer seu “dever de casa”, somando-se as ações, resolveriam os problemas do todo socioambiental. A autora assevera ainda:

Na perspectiva de uma Educação Ambiental crítica, a formação incide sobre as relações indivíduo-sociedade e, neste sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação. As pessoas se constituem em relação com o mundo em que vivem com os outros e pelo qual são responsáveis juntamente com os outros. Na Educação Ambiental crítica esta tomada de posição de responsabilidade pelo mundo supõe a responsabilidade consigo próprio, com os outros e com o ambiente, sem dicotomizar e/ou hierarquizar estas dimensões da ação humana (Carvalho, 2004, p. 20).

Em outra obra, Carvalho (2008, p. 34) propõe que devemos “trocar as lentes” que nos fazem enxergar o mundo com o intuito de renovar as abordagens, os pensamentos, as reflexões e (re)significar os espaços de vida; enxergar de outra maneira as certezas e completudes antes imutáveis, tais como a oposição entre natureza e sociedade, numa tradição de pensamento naturalista. Ao seguirmos na trilha de Carvalho (2008, p. 34),

A EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista. Superar essa marca, mediante a afirmação de uma visão socioambiental, exige um esforço de superação da dicotomia entre natureza e sociedade, para poder ver as relações entre a vida humana social e a vida biológica da natureza. A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente. Tal perspectiva considera o meio ambiente como espaço relacional, em que a presença humana, longe de ser percebida como extemporânea, intrusa ou

desagregadora, aparece como uma agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural e interage com ela. (...) Nesse caso, poderíamos pensar essa relação como um tipo de sociobiodiversidade, ou seja, uma condição de interação que enriquece o meio ambiente, como é o caso de vários grupos extrativistas e ribeirinhos e dos povos indígenas (Carvalho, 2008, p. 37).

Nessa direção, a proposta da sociobiodiversidade é basilar ao que pretendemos mostrar com esta pesquisa, pois nossas entrevistas evidenciaram a construção dessa microrregião administrativa de planejamento a partir de um movimento social de educadoras e educadores ambientais com reivindicações para além do conservacionismo do Parna Caparaó.

Ao envolver o turismo, a infraestrutura de acesso, além de alternativas inovadoras em um momento exclusivamente agrário na geração de emprego e renda, permitiu o protagonismo da futura microrregião Caparaó em frentes não só em EA, mas também em turismo sustentável, agricultura familiar dentre outros.

Resultados e Discussão

Integrando o que buscamos neste texto, o território do Caparaó é uma construção histórica relacionado tanto com os aspectos geográficos da localidade, as bases materiais, geomorfológicas, mas também com as ações concretas de sujeitos socialmente organizados que geraram este emaranhado sociocultural, apropriado por pessoas que colocaram a natureza como pano de fundo deste processo.

A região do Caparaó Capixaba localiza-se no Sudoeste do estado do Espírito Santo, possuindo uma área de 3.920,70 km² e corresponde a 8,5% da área do estado. É composta pelos municípios de Alegre; Divino de São Lourenço; Dolores do Rio Preto; Guaçuí; Ibatiba; Ibitirama; Irupi; Lúna; Jerônimo Monteiro, Muniz Freire e São José do Calçado (Sattler, 2012; Dutra, 2019)⁵. Tal região abriga nascentes de duas bacias hidrográficas essenciais para a região Sudeste: dos rios Itapemirim e do Itabapoana (Gobbo; Garcia, 2010), além de contribuir para a bacia hidrográfica do rio Doce – com seu afluente chamado José Pedro.

O clima, denominado Tropical de Altitude, caracteriza-se por apresentar duas estações bem marcadas pela chuva (entre novembro e março) e seca (entre abril e outubro), com precipitação média anual que varia entre 1000 mm a 1.500 mm. A média anual de temperatura fica entre 16°C e 22°C, podendo atingir a máximas de 30°C e mínimas de 10°C no verão, além de, no inverno, ter a ocorrência de períodos com geadas e temperaturas abaixo de 0°C, característica natural atrativa ao turismo (Massini, 2017).

A fauna e flora do Caparaó manifestam-se conforme a passagem a seguir:

⁵ Mais recentemente, o município de Bom Jesus do Norte foi inserido nessa microrregião.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 3: 195-213, 2024.

A vegetação característica é de Floresta Pluvial Tropical, mas constitui uma formação de origem secundária ou remanescente, em vários níveis de regeneração. A fauna, característica de região de Mata Atlântica, foi reduzida com o passar dos anos. Atualmente são encontrados pequenos animais como gambá, cuíca, tapiti, paca, caxinguelê, tatu, irara, dentre outros. Além deles, podem ser vistas aves comuns de grande parte do Brasil, bem como espécies em extinção, como o macaco mono, a jaguatirica, a onça-pintada e o gato mourisco, o que reforça a importância da preservação dessa área (Santos, 2014, p. 121).

Às características naturais do território acima descritas juntamos, a partir desse ponto, marcas históricas e sociais fundamentais para a identidade socio-territorial-ambiental existente quando, na atualidade, pensamos ou ouvimos Caparaó. Não retomaremos o processo de ocupação tão distante, mas a história mais recente e presente, com oralidades trazidas por autores(as) responsáveis pela construção desse território conhecido e apreciado por pessoas de todas as partes do Brasil e do mundo.

O Parna Caparaó foi oficialmente criado a partir do decreto 50.646, de 24 de maio de 1961, no então governo do presidente Jânio Quadros, em um movimento histórico que se apresentou com diversos personagens importantes até a sua criação, naquilo que Amarante (2016) chamou de “o Parque criado por um decreto” (Figura 1).

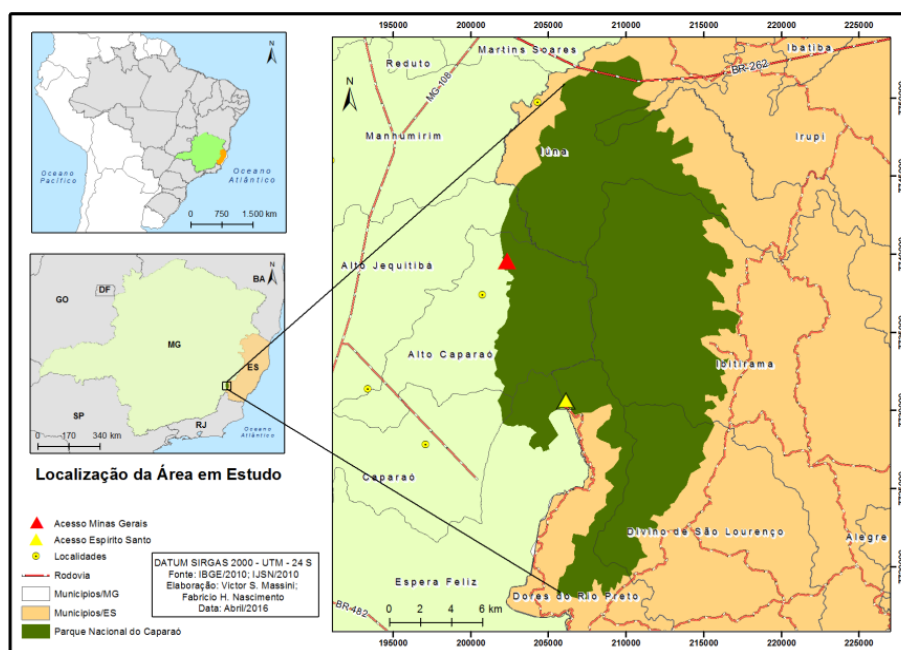


Figura 1: Localização do Parna Caparaó em diferentes escalas.
Fonte: Massini (2017, p. 25).

O Parque Nacional (Parna) do Caparaó se localiza na divisa entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, no Sudeste brasileiro, possuindo uma área total de aproximadamente 31 (trinta e um) mil hectares, dos quais 80% destes encontram-se no território capixaba. Apesar de sua criação datar de 1961, os movimentos reivindicatórios resgatam a década de 1930, por conta dos novos ares que vinham dos Estados Unidos e da Europa, uma vez que a criação de parques nacionais nestes locais estava à frente daquela conhecida no Brasil. Como relata Santos (2004, p. 31), na primeira conferência de proteção à natureza no Brasil, em 1934, inúmeros decretos para a proteção do meio ambiente (Código das Águas e Minas, Florestal, de caça e pesca) tornaram-se marcos importantes na história ambiental brasileira e que, paralelamente, se unem à história do Parna Caparaó.

A região do Caparaó sempre foi vitrine de atenções no país por ter sido durante muito tempo considerado o ponto mais alto do território brasileiro – o Pico da Bandeira⁶, despertando desejos e vontades de diversos segmentos sociais, principalmente cientistas e turistas. Este fato nos instiga a vislumbrar as estratégias adotadas para visitar a região muito antes de ser um Parque Nacional ou possuir qualquer estrutura turística para receber estas pessoas, sendo a população local os “guias turísticos” por deterem o conhecimento sobre caminhos, fauna e flora, melhores épocas do ano para a visita etc. (Santos, 2004). A passagem a seguir explana bem a importância do Caparaó:

Vinham alemães para aqui, eles matavam beija-flor, embalsamavam, levavam para a terra deles. Ficavam aí muito tempo fazendo pesquisas. Vinha todo tipo de gente, de fora e daqui, estudando a região. A gente acompanhava, ajudando no que podia. AJV, morador de Alto Caparaó, ex. funcionário do Parna Caparaó, aproximadamente 70 anos (Santos, 2004, p. 89).

Santos (2004) relata que a primeira visita científica foi realizada no século XIX, em 1880, pelo botânico alemão W. Schawcke. Depois registra o ano de 1911, 1922 e a missão belgo-brasileira após a passagem por aquela que seria a primeira Unidade de Conservação do Brasil (Parque Nacional do Itatiaia).

Em 1940 ocorreu uma excursão científica à Serra do Caparaó com um número grande de pesquisadores que fizeram um relato minucioso das características encontradas, que gerou, inclusive, uma publicação em revista especializada, e mencionando

o quanto a Serra tinha sido devastada, principalmente pelo machado e pelas queimas “acidentais ou provocadas”, fazendo

⁶ Por muito tempo, o Pico da Bandeira foi considerado o mais elevado ponto do Brasil, com 2.892 metros de altitude. Na década de 1960, com novas medições e expedições e um incremento tecnológico nas análises, os picos da Neblina e 31 de março passaram a ter esse *status*. No entanto, no Parna Caparaó ainda está o ponto mais alto do país internamente ao território brasileiro.

com que a maior parte da cobertura vegetal fosse composta por vegetação secundária. Percebemos a indignação provocada pelo desmatamento da região entre os cientistas que lá estiveram: Árvores mortas, troncos queimados ou resíduos, somente, indicam hoje a vasta extensão de valiosas matas anteriormente existentes e inutilmente devastadas (Santos, 2004, p. 91).

Todavia, a história de formação do Parque do Caparaó apresentou profundas diferenças no que se refere aos lados capixaba e mineiro. Desde o ano de sua fundação, 1961, relembramos a instalação de sua sede e portaria no lado mineiro do Parna (mesmo com 80% da área total pertencentes às terras capixabas), marginalizando o Espírito Santo.

Ao mesmo tempo, germinou um movimento de Educadoras e Educadores ambientais e ambientalistas e iniciou-se a construção daquilo que chamamos de território do Caparaó capixaba, essa microrregião de planejamento que se formou por efetivo estímulo de uma base originada dos movimentos sociais ambientais fomentada a partir desta incongruência da história política regional.

Metodologia

Na ocasião da escrita do projeto gerador deste artigo, vislumbramos entrevistar autoras(es) que iniciaram o movimento resultante na abertura da portaria de acesso (portal) do lado capixaba do Parna Caparaó. No entanto, como pensar em instrumentos e passos metodológicos que poderiam contribuir de maneira profunda com esse resgate histórico e geográfico pretendidos? A partir desta interrogação, iniciamos o aprofundamento na metodologia da História Oral (HO) como ferramenta de análise das oralidades que seriam utilizadas para nosso objetivo.

O principal motivo por esta escolha metodológica atrelou-se ao fato de não termos documentos oficiais ou trabalhos acadêmicos que resgatem a história de construção do território. De maneira informal, identificamos que o Caparaó capixaba foi construído pelos autores(as) e, posteriormente, apropriado pelo poder público estadual, isto é, a institucionalização da microrregião veio após a organização socioambiental realizada durante o final da primeira metade da década de 1990 até 1998, quando da abertura oficial do portal do lado capixaba.

Como Alberti (2013, p. 24) explicita, a HO não se restringe apenas à história, mas é uma ferramenta, método, fonte de pesquisa multidisciplinar. Assim, a autora define o que é a HO: “é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”.

Como fontes primárias para o Caparaó capixaba são completamente incipientes, partimos para esta metodologia qualitativa de análise e reflexão temporais que permitiram profundas transformações territoriais, mas que não

houve documentação eficaz para cumular o processo social constituído há trinta anos. Ao elucidar a importância das entrevistas na HO, a autora reverbera:

Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio do estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular mediante a análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (Alberti, 2013, p. 26).

Por isso, para que possamos com este artigo “recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais [...]” (Alberti, 2013, p. 30) desenvolvemos, ainda conforme a autora, a História Oral temática, pois houve o envolvimento direto das(os) entrevistadas(os) no tema pesquisado.

Portelli (1997) nos projeta, nessa linha de raciocínio, destacadamente a importância da HO para grupos que tiveram sua história escrita falha ou distorcida. Logo, nas palavras do autor, a HO nos conta mais sobre significados e menos sobre eventos, na medida que “o narrador é agora empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história” (Portelli, 1997, p. 38).

Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. [...] Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez (Portelli, 1997, p. 31).

Buscamos com a metodologia aplicada da HO para os autores(as) da EA do Caparaó capixaba a sua legitimação, não relegando ao esquecimento da memória social coletiva pessoas fundamentais para o território. Ao chegar no Caparaó capixaba, na atualidade, e observar toda a evolução infraestrutural, comercial e de serviços, cultural, musical, hoteleira, com atratividade nacional, queremos que haja a lembrança, e não a exclusão, dando significado à luta daquelas(es) que foram basilares e, portanto, foi e é tão necessário dar voz a essas(es) educadores(as) ambientais, legitimando-as e dando “o devido valor enquanto constituintes da realidade social” (Massoni, 2017, p. 38).

Devemos alertar um movimento processual o qual construiu o Caparaó capixaba, antes conhecido apenas como Sul do Espírito Santo, sem identidades e pertencimentos, marginalizado aos polos socioeconômicos principais da região, como Cachoeiro de Itapemirim. Como oficialmente o Caparaó surgiu por decreto

em 1999, opostamente, se buscarmos historicamente o movimento que levou à constituição do território socialmente construído, voltaremos ao ano de 1994, quando da realização, segundo um de nossos entrevistados, de um Diagnóstico Rápido da região.

Não queremos nos opor, pura e simplesmente, à história oficial, entretanto, ela não retrata de maneira clara, “por detrás da moldura”, o movimento de educadoras e educadores ambientais que ficam, muitas vezes, no “subterrâneo” de todo o processo histórico, para promover e subsidiar a inclusão dos autores do Caparaó, empoderando aquelas(es) responsáveis por todo o desenrolar que conhecemos atualmente. Consequentemente,

Uma das principais consequências dessa prática está na reconstrução da memória social, pois ao estudarmos a realidade a partir do saber desses indivíduos, estamos entrando em um campo de disputa, marcado pelo esquecimento, pelo silêncio e pela marginalização de determinados grupos (Massoni, 2017, p. 40).

Essas pessoas que iniciaram essa (r)evolução localmente, sem uma clara intenção estabelecida, permitiram um processo sólido, de longa duração e resiliente, voltado ao turismo sustentável e ao aproveitamento das belezas naturais.

Contudo, com mais de trinta anos de história, começaram a entrar numa trajetória de apagamento e silenciamento por conta das mudanças ocorridas na microrregião do Caparaó, especialmente na última década. Infelizmente, a memória oficial será imposta se tal resgate não for realizado (Pollak, 1989, p. 5).

Na verdade, nossa pesquisa pretendeu, e ainda pretende, recuperar o “vivido conforme concebido por quem viveu” (Alberti, 2013, p. 31). Logicamente, este trabalho respeitou todos os entrevistados, suas memórias, saudades, recordações, angústias, críticas etc., pois é a sua “visão de mundo e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados” (Alberti, 2013, p. 33), sendo indispensável para que entendamos o processo histórico de construção do Caparaó capixaba. Por isso, a HO é importante ao ser um

[...] método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação (Alberti, 2013, p. 37).

Como nosso tema pretendeu reconstruir, através das oralidades, a história de formação do Caparaó capixaba, planejamos entrevistar 5 (cinco) educadoras(es) ambientais que estiveram, desde o início da década de 1990, nesse movimento reivindicatório iniciado com a luta pela abertura de uma portaria do lado do Espírito Santo para o parque nacional. Esses(as) autores(as) foram fundamentais para o entendimento processual estabelecido e que criou um território novo dentro do estado, elevando-se, administrativamente, e tornando-se uma microrregião.

Antes de selecionar quem entrevistaríamos, pesquisamos documentos oficiais, artigos ou trabalhos acadêmicos e reportagens da época em que o movimento se instaurou. Entretanto, como poucas fontes foram encontradas, decidimos que as narrativas dos(as) entrevistados(as), a partir da metodologia da HO, seriam fundamentais para aprofundar esse tema. Isso levou a perceber que os documentos oficiais e reportagens serviram de apoio para entender esse processo e as entrevistas nos permitiriam minuciosamente descortinar os acontecimentos e seus encadeamentos temporais.

A seleção dos entrevistados ocorreu com base em leituras acadêmicas que já existiam sobre outros temas, sobretudo a partir de Santos (2004) e Ribeiro (2008). Entrevistamos 5 (cinco) representantes das mais diversas instituições e organizações, públicas e privadas, que estiveram desde o início neste processo.

Os(as) entrevistados(as) foram os(as) pioneiros(as), e tal fato nos acalantou já que buscamos qualitativamente o entendimento desse processo, e conseguimos, com um número que num primeiro instante parece pequeno de entrevistados, mas que contabilizaram mais de 11 (onze) horas de gravações e que esmiuçaram toda a construção do Caparaó capixaba enquanto um território. Concordamos com as palavras postas a seguir, pois

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos (Alberti, 2013, p. 40).

Portanto, acreditamos que essas entrevistas com os “ecossauros” tornaram-se um documento baseado na metodologia da HO. Como afirma Meihy (2019, 17) ela “é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”. Nosso intuito foi muito maior do que a realização de um projeto de pesquisa, e essas contribuições orais permitiram e permitirão um maior conhecimento e envolvimento tanto da comunidade local, ao proporcionar novos elementos pretéritos dessa construção territorial, quanto à comunidade acadêmica das humanidades, haja vista nossa perspectiva de visões de mundo a partir da base, ou seja, “alternativa, livre e emancipadora” (Françóis, 2006, p. 4).

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 3: 195-213, 2024.

Propondo discutir o Caparaó capixaba, no dia 05 de junho de 1995 (Figura 2) houve a assinatura do protocolo de intenções de criação do denominado Fórum itinerante Pró-Caparaó, entidade que representaria os interesses coletivos dos municípios que comporiam, mais tarde, a microrregião do Caparaó capixaba, internamente no Sul do ES, quando uma das entrevistadas nos relatou que percebeu o enorme potencial que a região apresentava, estimulando esse debate.

A princípio eram apenas os municípios do entorno imediato ao Parna, com a inserção de Guaçuí, realizou-se um diagnóstico regional e observou-se, a partir desse documento, aspectos positivos e negativos do território.

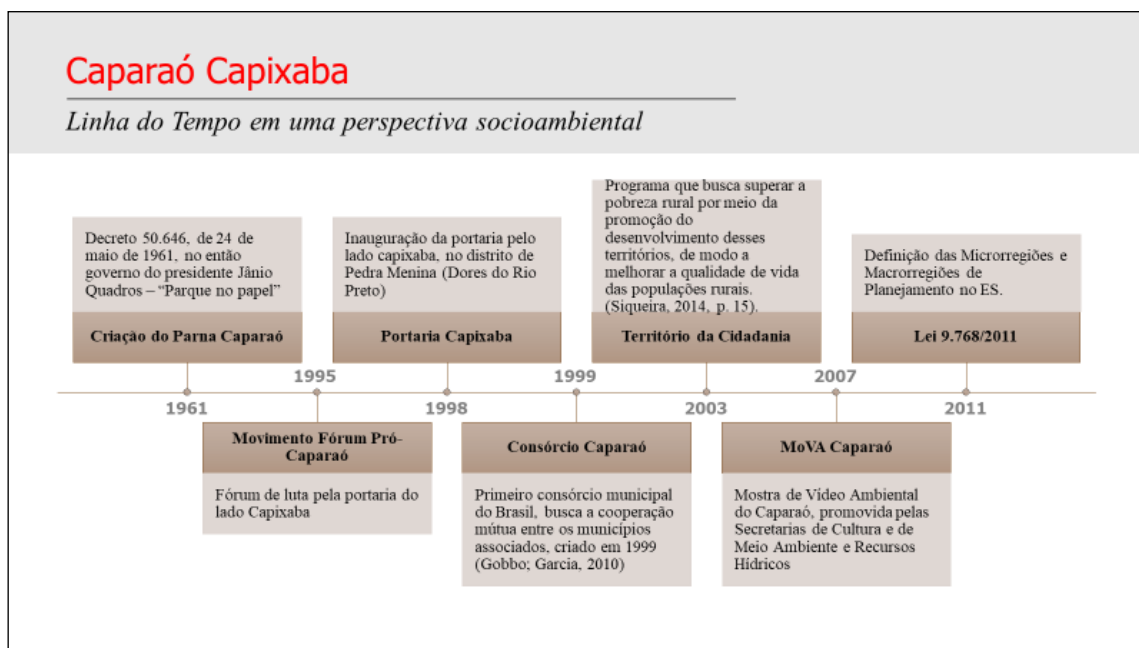


Figura 2: Linha do tempo do Caparaó Capixaba

Fonte: O Autor, 2023.

Sempre, nas oralidades, as(os) entrevistadas(os) enfatizaram a existência apenas da região Sul do Espírito Santo, até o início das movimentações pela portaria do lado capixaba, sendo que havia um domínio político muito grande de grupos familiares conhecidos no estado. Relatando ainda esse ponto, havia o repasse de 9,4% do Produto Interno Bruto (PIB) para a região Sul, uma vez que a maior parte desse percentual foi destinada a grupos políticos locais, relegando aos demais municípios o repasse mínimo.

Após o diagnóstico rápido da região realizado por uma equipe do Governo do Estado, da qual uma das entrevistadas era a responsável pelo levantamento, observaram-se as potencialidades com o Pico da Bandeira, um Parque Nacional, possivelmente uma alavanca para o turismo sustentável, o qual deveria ser o argumento de criação de uma microrregião dentro da macrorregião Sul e, com isso, incentivar a autonomia de muitos municípios com a divisão mais equânime dos recursos do PIB estadual para, agora, o que seria denominado Caparaó

capixaba, com 4,9% do PIB estadual destinados aos municípios desta microrregião.

Contudo, esse potencial só seria integralmente utilizado caso o Espírito Santo conseguisse a abertura de uma portaria de acesso ao Parna. A estratégia do Fórum Pró-Caparaó foi mobilizar politicamente a bancada federal em Brasília, levar a demanda para os Ministérios do Meio Ambiente e Turismo, conseguir a visita de uma comitiva da Organização das Nações Unidas (ONU) ao Caparaó (Figura 3) para percorrer todo o entorno do Parque.

Enfim, construir uma entrada pelo lado capixaba seria o ápice para a atração de pessoas para o objetivo, e após sua criação potencializaria todo o crescimento econômico observado⁷.



Figura 3: Missão da ONU no Parque Nacional do Caparaó para a abertura da portaria capixaba
Fonte: s.l.;s.n.

Para pressionar a criação da microrregião do Caparaó capixaba, com o avanço do desenvolvimento tecnológico e um maior número de estudos científicos feitos na região, tanto pelos poderes públicos estadual e municipal, quanto pelas instituições de ensino existentes no território – Ifes e Ufes – concluíram que as principais nascentes dos rios Itapemirim e Itabapoana, além de um afluente que contribui para a bacia hidrográfica do rio Doce⁸, estavam na serra do Caparaó, alçando a região ao papel de grande produtora de água e de importância ambiental inenarrável.

⁷ Não é nosso intuito neste texto o aprofundamento, mas também ouvimos dos entrevistados os problemas enfrentados pelo território com o desenfreio processo de crescimento econômico local.

⁸ Trata-se do rio José Pedro.

Esse levantamento também revelou os principais aspectos negativos existentes para o desenvolvimento turístico da região. De acordo com nossas(os) entrevistados, os obstáculos identificados foram:

- a) Acesso ao Parque Nacional pelo lado capixaba;
- b) Acesso para veículos – inexistência de estradas pavimentadas;
- c) Inexistência de hospedagem aos turistas que exponencialmente aumentariam com a futura instalação da portaria do lado capixaba;
- d) Infraestrutura de telecomunicações, energia, água, esgotamento;
- e) Inexistência do turismo sustentável como atividade econômica importante para o território;
- f) Não existiam secretarias municipais de meio ambiente, ou eram unidas a outros setores, como esporte, cultura e lazer, agricultura;
- g) Nenhuma estrutura de segurança pública.

Com o avanço das pautas e demandas desta microrregião discutida, aquelas(es) que estavam desde o início no empenho à causa perceberam que após a criação da entrada do “lado de cá”, era necessária a continuidade da pressão no atendimento às futuras demandas. Foi então que decidiram criar o Consórcio de desenvolvimento sustentável da região do Caparaó – ou apenas Consórcio Caparaó – herdeiro do fórum Pró-Caparaó – estabelecendo prioridades e atraindo investimentos e visibilidade para a microrregião.

O Consórcio Caparaó, na opinião dos(as) 5 (cinco) entrevistados(as), foi um importante aliado no atendimento às necessidades do território. A articulação política possibilitada pelo grupo de 12 (doze) prefeitos, angariou esforços entre todos os municípios envolvidos discutindo questões essenciais a serem feitas, corrigidas ou iniciadas, como estradas, hospedagem, esgotamento sanitário dos municípios, licenciamento ambiental, plano diretor municipal realizado em todos os municípios da microrregião por intermédio do Consórcio, realização do plano de desenvolvimento da região, discutir a realização da estrada parque, os fóruns itinerantes que ocorriam nos municípios dentre outras importantes intervenções no território.

Para além da infraestrutura, houve a capacitação para a formação de lideranças nos municípios da futura microrregião do Caparaó a partir de um programa de Educação Ambiental, em 1997 e 1998, envolvendo parcerias com Ifes e Ufes, Idaf, Iema, polícia ambiental, capacitando mais de 8 (oito) mil pessoas no território. Essa informação trazida pelos(as) entrevistados(as) é fundamental, pois revela o amadurecimento dos municípios sobre a importância da natureza para o desenvolvimento turístico, logo, da conservação do Parque, das águas, da mata, e foi a Educação Ambiental a fomentadora desta reflexão e a internalização naquelas(es) participantes desta ideologia.

Desse ponto em diante, estamos no final da década de 1990 início dos anos 2000, a identidade e o pertencimento ao Caparaó capixaba estavam sendo

incorporados aos antigos moradores, aos jovens líderes e futuros multiplicadores capacitados em Educação Ambiental e aos novos moradores que vinham de fora da microrregião em busca de uma natureza ainda preservada. Concomitante a esse processo, novos estabelecimentos foram sendo criados, antigos foram crescendo, e cada vez mais hotéis e pousadas, restaurantes, cafés, bares, churrascarias, pizzarias foram surgindo “surfando na onda” Caparaó. Além de instituições públicas importantes como a Polícia Militar Ambiental e o corpo de Bombeiros.

Como convergência destes programas de Educação Ambiental foram criadas as feiras dos municípios, onde cada um deles levava o melhor em termos de produtos, cultura, teatro, música etc. para expor nesses eventos. As educadoras(es) ambientais pioneiros foram convidados por todo o Brasil para palestras, organização de eventos em EA, como a Conferência Nacional organizada pelo governo federal. Eram realizados os encontros de educadores(as) ambientais (15 encontros seguidos – 15 anos), por toda a *expertise* gerada nesse movimento de criação do Caparaó capixaba.

Passagem importante nas entrevistas foi o fato de sempre afirmarem as(os) entrevistadas(os) a não existência da menção “sou do Caparaó” antes dessa construção coletiva. Falava-se em de Guaçuí, Dolores do Rio Preto, Alegre etc., mas não do território. Ao contrário, nos dias atuais, falamos “sou do Caparaó”, do município de Guaçuí, ou de Alegre, destacando primeiro a microrregião e depois dizendo o município. Esta identidade ao território está cada vez mais arraigada e espalhada em todos os espaços sociais, com a denominação Caparaó dando nome à centros de convenção⁹, marcas de roupa, músicas, eventos acadêmicos e muitos outros, como observados a seguir (Figura 4).



Figura 4: Eventos, empresas ou artistas que inseriram o nome Caparaó como pertencimento

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

⁹ Para maiores informações, no Instagram da prefeitura do município de Guaçuí existe uma publicação mostrando as etapas atuais sobre o desenvolvimento das obras deste centro de convenções Caparaó. Também há uma notícia no site do governo do estado do Espírito Santo que retrata esse assunto: <https://www.es.gov.br/Noticia/governo-do-estado-anuncia-construcao-de-centro-de-eventos-e-mais-investimentos-em-guacui>.

Tais entrevistas nos revelaram um trabalho longo, demorado, de “formiguinha”, porta em porta, buscando sedimentar o ideal de uma portaria do lado capixaba e a perspectiva turística como capaz de gerar emprego e renda no Caparaó capixaba. Os desafios foram muitos, mas as(os) educadoras(es) ambientais mantiveram a proposta e seguiram com ideias já implementadas em outras partes do mundo, mas que ainda não haviam sido protagonizadas no Brasil, como é o caso do Cama & Café.

Este programa Cama & Café foi implantado pela primeira vez no Brasil no território do Caparaó capixaba, inspirado no *bed and breakfast* estadunidense, a partir da idealização de um secretário de estado capixaba. Como a infraestrutura hoteleira não existia, propuseram conversar com pessoas locais sobre abrir suas casas e alugar os quartos desocupados para turistas, o que deu muito certo e foi o estopim desse movimento hoteleiro atual.

O próprio Consórcio Caparaó foi o primeiro consórcio municipal que existiu no Brasil, mais um pioneirismo do Caparaó capixaba. Juntamente, ONG's que foram criadas durante todo esse movimento pró-Caparaó, tendo a Amar Caparaó destaque, criando espaços ecoeducativos com leituras, pinturas, todos direcionados ao meio ambiente e à Educação Ambiental, além do importante evento criado pela ONG chamado Ecobike. Além disso, o território do Caparaó, ainda sem esse nome oficial como microrregião, recebeu em 1991 o I ENCA (Encontro Nacional de Comunidades Alternativas), criando um enclave chamado Patrimônio da Penha para grupos alternativos *hippies* e “Daime” e diversificando ainda mais o Caparaó capixaba no que se refere ao conteúdo social que frequenta a localidade. Outro pioneirismo foi o MoVA Caparaó, festival de vídeos ambientais, principalmente curta-metragem, que se consolidou como o principal evento cinematográfico ambiental do estado do Espírito Santo.

“O Caparaó é contagioso”, como disse um dos “ecossauros”. O Caparaó capixaba, para todos(as) os entrevistados, é uma referência em Educação Ambiental no Brasil, pois o trabalho iniciado em 1994 teve a força de transformar um território em destino turístico, cultural, místico, musical, ambiental e de maneira coletiva essa construção foi acontecendo, com as discussões sendo realizadas e os municípios aceitando toda essa mobilização social da base almejando o futuro do território. Como disse uma de nossas entrevistadas, ao ser interrogada sobre como haviam conseguido construir o Caparaó capixaba e a importância da inserção da questão socioambiental nas discussões realizadas, ela respondeu:

Exatamente, exatamente com a Educação Ambiental, humanizando e levando as pessoas a perceberem que o ambiente que ela vive é muito mais do que uma mata, é muito mais do que um ambiente, precisa ser preservado, é um ambiente que tem esse poder de gerar oxigênio, sequestrar gás carbônico, gerar fonte de trabalho, que é através do turismo, produção de água, preservação da terra onde eles cultivam e geram sua economia, então você tem que ter esse olhar. Trabalhando as mulheres do local para produzir o artesanato como são dos passarinhos que têm o grupo mãos de fada ali no consórcio, que produz esses

chaveirinhos dos quartos, elas produzem os bichos, e os chaveiros de crochê (Entrevistada 2, 2023).

A certeza apresentada por este trabalho, após as entrevistas com as(os) autoras(es) do Caparaó capixaba, foi a de ter resgatado de maneira sólida¹⁰ a importância da Educação Ambiental na construção de um território internamente à região Sul do estado, ou seja, o Caparaó capixaba. Todas as transformações econômicas e culturais ocorridas nas últimas três décadas se iniciaram com pioneiras(os) nessas lutas ambientais e estruturais, principalmente pela construção de um acesso ao Pico da Bandeira pelo lado capixaba.

Teríamos um desenvolvimento econômico na microrregião do Caparaó, como todos(as) os(as) entrevistados(as) relataram, entretanto, não seria nesses moldes atuais (seria muito mais predatório já que não teria envolvido a Educação Ambiental) e demoraria mais tempo para chegar à forma estruturada encontrada atualmente. Por isso, a identidade e o pertencimento observados hoje em dia foram originados lá naquele passado longínquo em que um grupo de pessoas, educadoras e educadores ambientais, uniram-se em torno de uma causa e construíram marcas que foram pioneiras e essenciais a nível estadual e nacional.

Conclusões

Portanto, finalizando este estágio artigo, recorreremos à oralidade dos autores/atrizes do Caparaó capixaba, que escreveram essa história, resgatando as significações ativas, e não passivas, dos fatos narrados e que contribuíram para todo o movimento iniciado há 30 anos. Quisemos “buscar sentido ao passado”, dando forma e conteúdo aos acontecimentos socioambientais das educadoras e educadores ambientais.

O papel desempenhado por essas(es) autoras(es) do Caparaó capixaba foi particularmente importante no desenvolvimento da sensibilização sobre a importância da natureza presente naquele local como fonte de água, ar puro, biodiversidade, mas também sendo essa mesma natureza conservada, reduzindo queimadas ou desmatamento, poluição das águas dos rios e cachoeiras, uma estratégia economicamente essencial para os anseios de crescimento econômico.

Porém, como todo processo de crescimento econômico, os impactos ambientais negativos também surgiram, e cada vez mais são discutidos após todo esse processo de criação do território do Caparaó, apesar dos alertas já feitos e contados nas entrevistas, como a especulação imobiliária, a poluição hídrica, esgotamento sanitário, o lixo, o barulho, consumo de água, avanço sobre a área de amortecimento do parque por empreendimentos imobiliários luxuosos, urbanização desordenada, enfim, típicos problemas advindos do aumento do fluxo de turistas para a microrregião ou de novos moradores chegando com vícios e pensamentos formados nas cidades grandes. O futuro do Caparaó capixaba deve

¹⁰ Não temos a pretensão de fazer todo o resgate histórico, seria impossível. Ao menos, acreditamos, conseguimos uma contribuição histórica do processo de construção do Caparaó capixaba a partir das entrevistas realizadas com importantes referências da EA local.

ser pautado pela sustentabilidade, e entender isso, para todas e todos nesse território, será o divisor de águas entre continuar existindo ou sucumbir à destruição daquilo que é fundamental, ou seja, a natureza.

A criação dessa microrregião, no nível institucional, e do território, a partir das identidades e pertencimentos, foi um processo longo, conflituoso, mas que possibilitou vários pioneirismos para o Brasil surgidos no Caparaó capixaba, como o Consórcio Caparaó, iniciado lá em 1995 como Fórum pró-Caparaó, o programa cama e café, a estrada parque, as capacitações daquelas(es) que seriam as(os) futuras(os) multiplicadores em Educação Ambiental, as feiras de desenvolvimento sustentável municipais, o MoVA Caparaó, enfim, toda uma história que, na opinião de todas(os) entrevistadas(os), permitiram a impossibilidade da desconstrução desse território, pois a ideia de pertencimento e identidade criados foram sedimentados na população.

Esse resgate histórico a partir das oralidades das(os) autoras(es) entrevistados, realizado nesse artigo, com pessoas que participaram ativamente de todo o processo iniciado há mais de 30 (trinta) anos, além de serem lideranças deste movimento, primou justamente por resgatar essa história de formação do território do Caparaó capixaba e revelar a importância da Educação Ambiental em todo o percurso, ratificando a importância dela na renovação para que novas lideranças, nas futuras gerações, possam ler esse trabalho e entender quão difícil este foi, mas, ao mesmo tempo, quão importante sempre será lembrar daquelas(es) pioneiros e todo este legado.

Agradecimentos

O presente trabalho é fruto do estágio pós-doutoral realizado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) do Instituto federal do Espírito Santo (Ifes) campus Vitória.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

AMARANTE, F. B. **A influência da criação do Parque Nacional do Caparaó (1961-2014) sobre a mudança da paisagem em Alto Caparaó (MG): sob a perspectiva do turismo**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2016. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/10054/1/texto%20completo.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CARVALHO, I. C. de M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). **Identidades da Educação Ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156 p. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/publicacao/20_publicacao09122010092436.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DUTRA, G. J. S. A relação socioambiental no Alegre-microrregião do Caparaó a partir do século XIX e no projeto plantadores de água (2013-2015): uma análise de história ambiental. **Dissertação** (mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Agroecologia, 2019. 118 f. Disponível em: <<https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/2223>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coord.) **Usos & abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 304p.

GOBBO, S. D'. A.; GARCIA, R. F. Consórcio intermunicipal de desenvolvimento sustentável da região do Caparaó: um relato de experiências. **XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica**, 2010. Disponível em: <https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0730_0584_02.pdf> Acesso em: 18 abr. 2023.

MASSINI, V. S. A cobertura natural, o potencial paisagístico e o turismo no Parque Nacional do Caparaó (ES-MG) segundo a hierarquia de paisagens de Georges Bertrand. **Dissertação** (mestrado) – UFES, Departamento de Geografia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/handle/10/9336>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

MASSONI, L. F. H. A história oral e as memórias dos excluídos na escrita do conhecimento. **Rica**, vol. 2, nº 4, set./out. 2017.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente? **Proj. História**, São Paulo, v.14, fev. 1997. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod_resource/content/1/PORTELLI,%20Alessandro%20%E2%80%93%20O%20que%20faz%20a%20hist%C3%B3ria%20oral%20diferente.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

RIBEIRO, F.N. As tessituras da Educação Ambiental na região do Caparaó capixaba: a formação dos sujeitos ecológicos. **Dissertação** (mestrado), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. 2008. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//nometese_123_FL%C1VIA%20NASCIMENTO%20RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SANTOS, E. M. B. Parques por decreto: um estudo de caso do Parque Nacional do Caparaó. **Dissertação** (mestrado) – UFMG, Departamento de História. 2004. 184f. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38619>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

SANTOS, E. M. B. Parque Nacional do Caparaó: histórias de um lugar. **HALAC**, vol. III, n. 1, set.2013-fev. 2014. p. 117-143.

SATTTLER, M. A. Sustentabilidade de sistemas agroflorestais na região do Caparaó. **Tese** (Doutorado – Produção Vegetal) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias. Campos dos Goytacazes, RJ, 2013. Disponível em: <<https://uenf.br/posgraduacao/producao-vegetal/wp-content/uploads/sites/10/2014/08/Marcos-Sattler.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.